ATOS DOS APÓSTOLOS: TEXTO E CONTEXTO

João Luiz Correia Júnior

Introdução

O início do terceiro milênio, além de ser momento privilegiado para celebrar dois mil anos de cristianismo, é também um tempo favorável para repensar a nossa caminhada evangelizadora; é fundamental, diante dos desafios de hoje, buscar criativamente desenvolver novos projetos que dêem sentido, rumo, direção à Igreja no início deste novo milênio.

Um dos textos do Novo Testamento que mais nos anima nessa perspectiva são os Atos dos Apóstolos. As comunidades cristãs buscam inspiração para enfrentar os desafios do tempo presente, nos atos de Pedro, Tiago e João, Paulo e Barnabé, Priscila e Áquila, Tabita de Jope, Lídia de Filipos, Maria, mãe de João Marcos, Dâmaris de Atenas. Essas, entre tantas outras pessoas, testemunharam o Cristo Jesus e deram vida às primeiras comunidades cristãs do século I; sem dúvida, elas nos ajudam, com o seu exemplo, a retomar o projeto de Jesus hoje.

De fato, as primeiras comunidades cristãs enfrentaram grandes obstáculos no contexto em que estavam inseridas. Mas, ao longo do caminho, passo a passo, foram superando tais dificuldades, geradoras de conflitos internos e externos... Buscaram e encontraram inspiração na prática de Jesus que, em sua ação missionária, enfrentou duras resistências à sua mensagem e ao seu projeto. Ele mesmo advertiu que o segredo em superar os obstáculos e enfrentar os desafios do contexto histórico consiste justamente em não desistir da ação missionária. Nessa perspectiva podemos interpretar a parábola do semeador (Mc 4,3-9; Mt 13,1-9; Lc 8,4-8): Jesus sabe que as sementes que espalha no campo podem encontrar numerosos obstáculos: aves do céu, pedras, espinhos ou ervas daninhas... mas sabe também que, mais adiante, a terra dará fruto e produzirá trinta, sessenta, cem vezes por um.

As comunidades cristãs do século I parecem ter aproveitado essa mensagem, buscando forças para enfrentar os desafios à missão, que não foram poucos. Apesar de tudo, os discípulos e discípulas de Jesus fizeram com que a Boa-Nova chegasse "até os confins da terra" (At 1,8). A missão evangelizadora estende-se, portanto, a todo o mundo. Retoma-se a missão de Israel perante as outras nações: manifestar ao mundo o poder de Deus. A libertação de Israel é o meio pelo qual o Senhor Deus se manifesta ao mundo; todos o reconhecerão pelo modo como ele restabeleceu um povo que estava "morto". E todos virão adorar o Senhor do universo e da história, escondido num povo que é nada perante as grandes potências (Is 45,14-25).

1. O texto

O livro "Atos dos Apóstolos" foi escrito como parte da obra de Lucas, que compreendia originalmente o Evangelho e os Atos dos Apóstolos.

A introdução do livro dos Atos retoma o final de Lc 24,49: "Eis que eu vos enviarei o que meu Pai prometeu. Por isso, permanecei na cidade até serdes revestidos da força do Alto". A promessa do Pai é justamente o Espírito Santo (At 1,4s): "No decurso duma refeição da qual participou, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem a realização da promessa do Pai".

O livro dos Atos retoma, portanto, o final do Evangelho, cujos últimos versículos orientam a atenção para a missão cristã: "Assim está escrito que o Messias devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu nome, fosse proclamada a conversão para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém" (Lc 24,46-47). Contudo, o discipulado de Jesus parece esperar o estabelecimento do reino messiânico como uma restauração temporal da realeza davídica: "Senhor, será agora que haveis de restaurar a realeza em Israel?" (At 1,6). Mas as palavras de Jesus descartam essa suposição; não se trata de restaurar realezas, impérios políticos que fazem uma nação subjugar as demais (esse projeto não traz benefícios para todos); trata-se, sim, de um plano que "o Pai reservou a seu poder" (At 1,7), um projeto salvífico para a humanidade como um todo. Tal projeto, no entanto, depende dos discípulos e discípulas de Jesus: "O Espírito Santo descerá sobre vós, dele recebereis força. Sereis, então, minhas testemunhas" (At 1,8).

Na medida em que o discipulado de Jesus estiver aberto ao Espírito Santo de Deus, terá força (será partícipe do "poder dinâmico", *dynamis* de Deus) para serem testemunhas da ressurreição de Jesus (Lc 24,48; At 2,32; 3,15; 4,33; 5,32; 13,31; 22,15) e mesmo de toda a sua vida pública (Lc 1,2; Jo 1,27; At 1,22; 10,39s; cf. Rm 1,1).

Tendo isso presente, podemos compreender por que o livro dos Atos dos Apóstolos termina quando Paulo (a personalização por excelência da evangelização com firmeza e destemor, animada pelo poder do Espírito de Deus) chega a Roma, o centro do mundo econômico, político, sociocultural da época. Ali, no coração do Império da Morte (o mesmo que decidiu explorar milhares de pessoas, o mesmo que determinou a morte do Jesus histórico), ali a Boa-Nova é anunciada com firmeza, superando todos os empecilhos, até então...: "Paulo ficou dois anos inteiros na moradia que havia alugado. Recebia a todos/as aqueles/as que vinham procurá-lo, anunciando o Reino de Deus e ensinando o que se refere ao Senhor Jesus Cristo com firmeza e sem impedimento" (At 28,30-31).

Trata-se de um final programático da obra de Lucas (Evangelho e Atos): ao mesmo tempo em que termina um programa de evangelização, está implícito o ponto de partida de uma nova evangelização (cf. Lc 24,47; At 1,8), a partir do testemunho evangelizador de Paulo. Trata-se de uma espécie de convite e incentivo às novas gerações para que dêem continuidade à missão dos apóstolos, o anúncio do Reino de Deus, cujos obstáculos do contexto histórico devem ser tomados não como empecilho à evangelização, mas como desafios a serem superados[1].

1. É nessa perspectiva que a Igreja Católica lançou o projeto "Ser Igreja no novo milênio", com a finalidade central de renovar a consciência da identidade e da missão da Igreja no Brasil. CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Olhando para a frente*. Brasília: CNBB, 2000.

1.1. Autoria

Lucas é o amigo e companheiro de Paulo que aparece em Cl 4,14 ("médico amado"); 2Tm 4,11; Fm 23s. Ele é, sem dúvida, um gentio-cristão que escreveu para cristãos de origem gentílica (não judaica).

É possível que Lucas tenha nascido em Antioquia da Síria. A comunidade cristã da cidade foi fundada por pessoas que fugiram das perseguições contra os cristãos em Jerusalém, depois da morte de Estêvão. Foi tão grande o êxito da pregação evangélica que a comunidade de Jerusalém enviou Barnabé para Antioquia (At 11,20). Barnabé convocou Paulo de Tarso (At 11,26). Essa é a primeira ação missionária de Paulo. Foi em Antioquia que o nome cristão foi atribuído pela primeira vez aos discípulos de Jesus (At 11,26).

1.2. Destinação da obra

No prefácio de ambos os livros (Evangelho e Atos), Lucas faz uma dedicatória a um certo Teófilo. Alguns autores interpretam esse nome como sendo um romano ou homem culto que pudesse conservar e guardar os escritos. Outros viram neste Teófilo um diácono ou pregador, ao qual Lucas teria confiado o anúncio de sua obra. Observando o conteúdo do evangelho e o significado do nome (Teófilo, amigo de Deus), não duvidamos em afirmar que o destinatário desta obra é o cristão simples, aquele que quer buscar a verdade e a justiça. A obra destina-se às pessoas que seguem a fé em Cristo Jesus, que vivem na era pós-apostólica, espalhadas pelo Império Romano, marcadas pela cultura mais influente da época, a cultura grega.

O universalismo de Lucas consiste na convicção de que o evangelho se dirige às pessoas, homens e mulheres, de cultura greco-romana. Há alusões explícitas à finalidade universal da Igreja, que só aparecem em Lucas (2,14-32; 24,47). Ele apresenta os samaritanos como modelos de caridade (10,25-37) e de gratidão (17,11-19) e os gentios como modelos de bom procedimento e fé pronta e disponível (7,9). Faz parte do universalismo de Lucas a ênfase que dá a Jesus como "amigo dos pecadores". Estas perspectivas universalistas apontam no sentido do ecumenismo, como o entendemos hoje.

Em Lucas aparecem mais mulheres do que nos outros três evangelhos. No judaísmo, a posição social e legal da mulher era de bastante inferioridade, enquanto que esta posição era mais favorável no mundo helenista; assim ele desejava mostrar claramente que o evangelho não assumiria a atitude judaica em relação à mulher.

São ainda explícitos em Lucas os textos que se referem ao dever de partilhar os bens com os pobres (3,10s; 14,12-14), ao castigo para os que não querem partilhar (16,25s) e aos deveres dos que assumem uma atitude de menosprezo e de opressão (3,10-14), o que permitiria qualificar o evangelho de Lucas como o "evangelho social", inserindo-se perfeitamente dentro da tradição da Aliança e da tradição profética de defesa das pessoas excluídas.

1.3. Local e data em que a obra de Lucas foi escrita

Como companheiro de Paulo, após o martírio do Apóstolo dos Gentios, Lucas teria voltado para a Ásia Menor e lá elaborado seu pensamento, juntando outras fontes e ordenando a sua obra. Possivelmente a Antioquia da Pisídia, na Ásia Menor (cidade evangelizada por Paulo e Barnabé), teria sido o lugar da composição.

A data do Evangelho não é precisa. Podemos situá-la em torno do ano 80 dC, possivelmente entre 80 e 85 dC. A data dos Atos dos Apóstolos é determinada pela mesma data atribuída ao Evangelho.

1.4. Esquema da obra de Lucas

A obra lucana pode ser apresentada sob o seguinte esquema:

EVANGELHO

1,1–4	**PRÓLOGO**
1,5–2,52	**INFÂNCIA**
3,1–4,13	**PREPARAÇÃO PARA O MINISTÉRIO** (Pregação de João Batista, batismo, tentação)
4,14–9,50	**MINISTÉRIO NA GALILÉIA**
9,51–19,28	**VIAGEM A JERUSALÉM**
19,29–21,38	**MINISTÉRIO EM JERUSALÉM**
22,1–23,56	**A PAIXÃO**
24,1-53	**RESSURREIÇÃO-ASCENSÃO** Lucas termina seu evangelho abrindo-o para a perspectiva da missão dos apóstolos.

ATOS DOS APÓSTOLOS

1,1-26	**INTRODUÇÃO**		
	1,1-2	Prólogo	
	1,3-14	Aparições e ascensão	
	1,15-26	Eleição de Matias	
2,1–9,31	**A COMUNIDADE CRISTÃ-JUDAICA**		
	2,1–8,3	A comunidade de Jerusalém	
		2,1-47	Pentecostes
		3,1–5,16	Cura do aleijado e controvérsia com os hebreus
		5,17-42	Segunda controvérsia com os hebreus

6,1-7 Escolha dos Sete
6,8–8,1a Estêvão (o primeiro mártir)
8,1b-3 Perseguição e diáspora
8,4–9,31 A missão na Palestina
8,4-40 Filipe
9,1-31 Conversão de Saulo (Paulo)
9,32–15,35 **INSTITUIÇÃO DA MISSÃO JUNTO AOS GENTIOS**
9,32–12,15 Os primórdios da missão junto aos gentios
9,32–11,18 Batismo de Cornélio e de sua família
11,19-30 Fundação da comunidade de Antioquia
12,1-15 Perseguição de Herodes Agripa
13,1–15,35 Primeira viagem missionária de Barnabé e Paulo
13,1-12 Chipre
13,13–14,20 Galácia Meridional
14,21-28 Retorno a Antioquia
15,1-35 Decisão do Concílio de Jerusalém de admitir os gentios
15,36–28,29 **PAULO, O APÓSTOLO DOS GENTIOS**
15,36–18,22 Segunda viagem missionária
15,36-41 Partida de Antioquia
16,1-10 Ásia, até Trôade
16,11–17,15 Macedônia (Filipos, Tessalônica, Beréia)
17,16–18,17 Acaia (Atenas, Corinto)
18,18-22 Retorno a Antioquia, via Éfeso
18,23 Terceira viagem missionária
18,24-28 Apolo, um judeu natural de Alexandria
19,1-22 Éfeso
19,23-40 Revolta dos ourives em Éfeso
20,1-4 Macedônia e Acaia
20,5–21,14 Viagem final de Paulo a Jerusalém
21,15–28,29 Paulo, prisioneiro por Cristo

21,15-26 Chegada a Jerusalém e visita à Igreja de Jerusalém
21,27-40 Paulo agredido pelos hebreus e salvo pelos romanos
22,1-21 Discurso de Paulo aos hebreus
22,22-29 Paulo na fortaleza
22,30–23,11 Paulo diante do Sinédrio
23,12-22 Atentado contra a vida de Paulo
23,23-35 Transferência de Paulo para Cesaréia
24,1-23 Processo diante de Félix
24,24-27 Adiamento do processo
25,1-12 Recurso de Paulo a César
25,13–26,32 Paulo diante de Festo e Agripa
27,1-8 Viagem a Creta, via Mira
27,9-44 Tempestade, naufrágio em Malta
28,1-10 Malta
28,11-16 Chegada a Roma
28,17-29 Dois anos de cárcere e encontro de Paulo com os hebreus de Roma
28,30-31 **EPÍLOGO**

Mesmo em prisão domiciliar, Paulo continua proclamando o Reino de Deus e ensinando sobre o Senhor Jesus Cristo.

Lucas termina o texto dos Atos dos Apóstolos abrindo-o para a missão dos cristãos e cristãs.

2. O contexto

A missão cristã teve seu início na Palestina, e se orientou cada vez mais decisivamente para os grandes centros urbanos do mundo greco-romano.

De fato, o evangelho foi anunciado por Jesus e seu discipulado nas pequenas cidades e aldeias da Palestina do século I, então periferia do Império Romano. Lucas revela isso claramente: "Jesus andava por cidades e aldeias, pregando e anunciando a Boa-Nova do Reino de Deus. Os Doze o acompanhavam, assim como algumas mulheres (é simbólico que sejam citadas nominalmente três: Maria, Joana e Susana)" (Lc 8,1s). Mesmo as cidades palestinenses viviam economicamente e culturalmente em função do campo. Isto fica claro, por exemplo, nas Parábolas de Jesus, muitas das

quais tiradas do cotidiano de agricultores: "O semeador saiu a semear sua semente..." (parábola do semeador: Lc 8,5-8).

Cerca de dez anos após a morte de Jesus, o evangelho já era fortemente anunciado em outros países e para outros povos. Quem começou este processo foram os "helenistas", judeus nascidos no exterior, segundo At 11,19-26. Saindo de Jerusalém, eles pregaram com sucesso o evangelho aos gentios de Antioquia (cidade com 500 mil habitantes, uma das maiores do Império Romano).

Estima-se que existiam em torno de 50 milhões de habitantes em todo Império Romano. Diversas culturas sob o domínio de uma única potência imperial. Quem assumiu com maior determinação a tarefa de anunciar o evangelho aos "gentios" (expressão dos judeus para designar os de fora da cultura judaica) foi Paulo de Tarso (que nasceu em data desconhecida, entre 5 a 15 dC, e morreu mártir entre os anos 67 e 68 dC). Ele teve a disposição, coragem e sensibilidade teológico-pastoral de anunciar a Boa-Nova (Jesus e sua proposta) neste mundo plural sob a hegemonia política de Roma, marcado pela cultura grega (mundo greco-romano).

Durante toda a sua vida, cerca de 30 anos de atividade apostólica (de 37/39 a 67/68), Paulo percorreu as cidades mais importantes da Ásia Menor e da Grécia, anunciando o Evangelho. Foi um passo decisivo na história da jovem Igreja, que se espalhou progressivamente por todo o Império Romano. Enfim, o evangelho acabou dando mais certo fora do que dentro da Palestina.

2.1. O mundo sob domínio romano

O contexto histórico das primeiras comunidades cristãs era marcado pelo poder centralizador do Império Romano e pelo poder ideológico da cultura grega.

Antes da dominação romana, a grande potência internacional foi a Macedônia. O jovem imperador Alexandre Magno, que governou a Macedônia de 336-323 aC, através de suas conquistas militares subjugou o Egito, a Palestina, a Ásia Menor e a Pérsia (potência que dominara o Oriente Médio por dois séculos: 539-332).

A partir do século II aC, os romanos começam a aparecer no cenário internacional, dirigindo suas atenções para a Grécia e Oriente Próximo, com o intuito de ampliar seus planos imperialistas. No século I, por volta do ano 63 aC, a Síria e a Palestina se submetem à tutela romana, que soube utilizar a força militar e ideológica, por meio do helenismo, em prol dos interesses expansionistas de exploração dos povos subjugados.

Otaviano, que mais tarde outorgará para si o título de Augusto ("o venerável"), conseguiu, por meio de inúmeras batalhas, tornar-se o único governante do extenso Império Romano, a partir do ano 31 aC. Teve um longo reinado. Ele morreu aos 76 anos, no ano 14 dC.

Do ponto de vista político, o que caracterizava essa época é a ideologia oficial da *"pax romana"*. Otaviano, o Augusto, ao assumir o poder absoluto do império, realiza uma série de reformas, adequando Roma à sua nova condição de Estado mundial. Co-

meça então um grande processo de urbanização por todo o Império Romano, forma mais adequada à instalação das estruturas do domínio romano. Investe-se na construção de estradas de uma extremidade à outra do império. A "pax romana" era, portanto, a propaganda do dominador, ideologia que tinha a função de encobrir mecanismos de controle militar e de repressão política em todos os pontos do império. O significado desta ideologia de dominação era bem conhecido pelo povo daquela época. Paulo parece prevenir sobre os perigos de se acomodar nessa "paz" de aparências: "Quando as pessoas disserem: paz e segurança! – então, lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores sobre a mulher grávida; e não poderão escapar".

De fato, por baixo dessa aparente paz há muita miséria, conseqüência da dura exploração econômica imposta por Roma. Quem pagava por todo esse processo de desenvolvimento no império, sob os auspícios da "paz romana", era o povo trabalhador dos povos dominados. A economia romana era fundamentada na dura carga tributária. Apropriava-se antecipadamente do lucro mediante os tributos e o controle do comércio das mercadorias; não se interessava em criar uma infra-estrutura para aumentar a produção. Mas o Império procurara elaborar uma vasta rede de vias, por meio das quais escoava as riquezas. Todas as *vias terrestres* (construídas pelo exército, pelos condenados e pelos civis requisitados no local) e *vias marítimas* convergiam para Roma.

A navegação é o meio mais rápido e mais barato de locomoção: o Mediterrâneo, agora livre dos piratas, é um "lago interno" que banha as principais cidades do Império. Além da utilização das vias marítimas, os romanos desenvolvem cerca de 80 mil km de estradas. Tais vias de acesso a Roma foram abertas sobretudo para facilitar o escoamento de mercadorias, tais como escravos, animais ferozes usados nos circos, produtos de carne, peles, marfim, trigo, óleo, seda, incenso, mirra, especiarias, metais, estátuas, cerâmicas de todos os cantos do mundo, segundo a sua especialidade. Daí é possível ter surgido a expressão "todo caminho dá em Roma", que ao longo dos séculos virou dito popularmente conhecido.

Não é de se estranhar que o Estado romano passe por um período de muita prosperidade, graças às taxas sobre as minas espanholas, aos impostos dos povos dominados, ao dízimo do trigo da Sicília... As minas, por exemplo, têm rendimento ainda maior quando pouco a pouco o imperador as "nacionaliza" em seu nome. O judeu Fílon de Alexandria, contemporâneo de Paulo, escreveu certa vez: "Em nossos dias, procuram-se em toda parte as riquezas, saqueiam-se todos os cantos da terra, escavam-se as planícies e as encostas das montanhas, em busca de ouro, prata, cobre, ferro ou pedras preciosas"[2].

Há um notável crescimento da manufatura nessa época imperial, com um artesanato de alta qualidade. O comércio desenvolve uma grande rede de exportação. Necessita-se de mão-de-obra; talvez por isso aconteça em grande escala a compra e venda de escravos. Os campos vão passando para as mãos de grandes proprietários, em virtude do endividamento crescente dos pequenos proprietários, que não conse-

2. SAOÛT, Yves. *Atos dos apóstolos: ação libertadora.* São Paulo: Paulinas, 1991, p. 186-187.

guem suportar a carga tributária. Enquanto isso, os camponeses livres e autônomos vão sendo reduzidos. A Ásia Menor e a Grécia assistem à imigração dos camponeses para as crescentes cidades litorâneas. Nas cidades grandes, donos de "indústrias", comerciantes e latifundiários formam, juntamente com a velha aristocracia, a classe dominante. Nas oficinas, centros comerciais e casas trabalha a maior parte da população.

2.2. O mundo de cultura grega (Helenismo)

O domínio macedônio, além de deslocar a hegemonia política do Oriente para o Ocidente, difundiu em toda a Europa e Oriente Próximo uma nova atmosfera, um novo modo de conceber o ser humano e a vida: o helenismo (cultura grega). Quando o imperador morreu em batalha aos 33 anos, o território foi repartido entre diversos generais. A rivalidade entre eles reacendeu lutas armadas em toda a região, vindo a dissolver definitivamente o Império Macedônio. Contudo, o helenismo continuou exercendo uma influência duradoura nos domínios dos seus sucessores.

O termo "grego" ("*hellen*", na língua grega) foi usado desde o século VII aC pelos próprios gregos para designar o grupo de povos, cidades e estados que falavam grego e adotavam o estilo de vida da civilização grega. Tal estilo de vida se baseava nas obras culturais, na filosofia, na literatura e na arte. O *helenismo* designa, portanto, a forma de vida da civilização grega.

A essência da civilização grega estava na concepção de *polis*, a cidade. O modelo da *polis* grega estava organizado em torno da *ágora* ou mercado, possuindo banhos públicos, um teatro, um estádio. As cidades tinham uma ou duas ruas largas, com pórticos, estendendo-se através de toda a cidade. O governo era exercido por um senado (*boule*) e por uma assembléia (*ekklesia*) do povo (*demos*). Esse modo de vida na comunidade tinha como objetivo propiciar ao cidadão alcançar o mais alto nível de perfeição. É na vida urbana que o homem alcança o máximo de suas aspirações e do seu poder, pois a vida urbana oferece possibilidades que nunca poderiam ser encontradas na primitiva sociedade pastoril ou agrícola. Desse modo podemos entender por que o helenismo penetrou mais profundamente nas cidades (a população do campo e do interior foi menos influenciada).

Os centros dessa difusão eram as colônias militares fundadas pelos macedônios e as cidades gregas construídas em grande número na Ásia Oriental, cada uma seguindo o modelo-padrão de cidade grega com sua praça, avenidas colunadas, templos, teatro e ginásio. Intelectualmente, o helenismo trouxe o estudo da literatura e da filosofia gregas, bem como o cultivo das formas gregas nas artes plásticas.

No desenrolar da história, a civilização grega perdeu suas características mais marcantes e adquiriu uma forma mais geral e universal, assimilando algo das várias culturas onde se difundia. A língua grega ficou sendo a *koine* falada por toda a área, diferenciada em vários dialetos locais e assimilando inúmeros vocábulos estrangeiros. O helenismo também assimilou, até com certo entusiasmo, características da religião e do culto orientais, e a arte grega assumiu formas nativas que podem ser facilmente distinguidas na arte do Egito e da Síria helenísticos. Desse modo, o helenismo tor-

nou-se, como chamaríamos hoje, uma espécie de cultura "globalizada", que superava os limites de fronteiras geográficas, políticas e culturais.

As comunidades judaicas da Diáspora, que se sustentavam por atividades comerciais nas grandes cidades helenísticas, receberam o impacto do helenismo, por meio dos artigos comuns para o uso diário (alimentação, vestuário, mobília), nos nomes gregos que aparecem entre judeus da Diáspora e da Palestina (André, Filipe, Alexandre, etc.), na arquitetura das sinagogas (conforme o estilo arquitetônico grego), na forma de organização interna das comunidades (o governo das comunidades judaicas tinha semelhanças com o jeito de governar dos gregos)... Mas mantiveram-se firmes em tradições culturais judaicas, conservando, por exemplo, a lei e o culto na Sinagoga.

3. A inserção do Cristianismo nesse contexto

O mundo greco-romano oferecia condições favoráveis para a difusão do cristianismo. O helenismo, uma cultura universal que havia reunido povos de regiões e culturas diferentes num modo de vida comum, era propício a uma religião universal que não impunha condições particulares nacionais ou raciais a seus membros, e ensinava a união e igualdade de todas as pessoas, sob um Pai divino.

Nesse contexto, o anúncio da mensagem do judeu Jesus de Nazaré (o verdadeiro Cristo, para seus adeptos) era realmente uma boa-nova, "evangelho", no sentido original do termo grego. Tal anúncio era bem aceito, pois atendia às aspirações, aos anseios de toda uma população, que procurava uma expressão religiosa mais aberta ao diálogo e, ao mesmo tempo, capaz de não abrir mão de princípios fundamentais para a valorização da dignidade humana e da promoção da vida.

O espaço inicial da evangelização no mundo greco-romano foi o ambiente das comunidades judaicas. O Judaísmo, religião já conhecida no mundo greco-romano, atraía muita gente. Desde o primeiro século antes de Cristo, missionários judeus andavam pelo mundo para converter os gentios (Mt 23,15). Assim, ao redor das sinagogas, nas várias cidades do Império, foram surgindo grupos de pagãos que simpatizavam com o judaísmo. Havia os prosélitos e os tementes a Deus. Os prosélitos (At 2,11; 13,43) observavam a Lei de Moisés na íntegra, inclusive a circuncisão; não eram numerosos, pois a exigência da circuncisão assustava muita gente. Os "tementes a Deus" (At 13,16.26) ou "adoradores de Deus" (At 16,14; 17,4.17; 18,7) observavam só algumas partes da Lei de Moisés, freqüentavam as sinagogas aos sábados, liam a Bíblia, mas não aceitavam a circuncisão. Eles eram o grupo mais numeroso em todas as cidades (At 10,35), e o público mais atento a Paulo (At 13,16.26.43 etc.).

Segundo argumentação de Fr. Carlos Mesters (no livro *Paulo apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*, p. 64), o anúncio do Evangelho de Jesus foi aceito sobretudo pelas pessoas "tementes a Deus" das comunidades judaicas. A pregação de missionários cristãos abertos ao diálogo com os gentios (linha missionária defendida pelo grupo ligado ao apóstolo Paulo) oferecia exatamente aquilo que tais pessoas procuravam: uma convivência comunitária, com acesso direto ao Deus de Abraão, através da fé em Jesus, sem a circuncisão e sem a observância das leis e dos costumes da

Tradição dos Antigos. Por isso aceitavam a mensagem com muita alegria (At 13,48; 15,31; 17,4.12; 18,8), como se estivessem esperando há tempo uma mensagem assim.

Ficou evidente, a partir do ambiente das comunidades judaicas, que a Boa-Nova de Jesus era muito bem aceita pelos pagãos, pessoas do ambiente da gentilidade acostumadas ao mundo pluralista greco-romano, partícipes ou não das comunidades judaicas. Era fundamental, portanto, aos evangelizadores, desinstalar-se e pôr os pés na estrada...

As vias de comunicação, desenvolvidas pelo Império Romano (vias terrestres e marítimas), facilitaram aos apóstolos do cristianismo a difusão rápida do Evangelho, numa área extraordinariamente extensa.

Mas não era tarefa fácil percorrer as vastas extensões territoriais. À diferença da Palestina, de dimensões modestas (correspondentes às de alguns municípios brasileiros das regiões mais habitadas), a Síria e principalmente a Anatólia impõem ao viajante longos percursos. O relevo acidentado da Turquia, as bruscas alternâncias de temperatura entre a costa úmida do Mediterrâneo e o clima continental do interior, com seus verões tórridos e seus invernos gélidos, aumentavam ainda mais as dificuldades da caminhada.

Com a bagagem acomodada em lombo de burros ou jumentos, os viajantes, a pé, não podiam fazer mais do que 25 milhas por dia (a milha romana equivalia a mais ou menos 1,5 km); era a distância média entre os postos de guarda que Augusto fizera instalar ao longo das estradas. A instalação de postos de polícia representava um grande progresso, porque, principalmente nas regiões montanhosas ou semidesérticas, não faltavam os salteadores. Um caravançará permitia aos homens e animais dormir em segurança, mas sem conforto! Em alguns lugares era necessário precaver-se contra proprietários pouco escrupulosos, que hospedavam os viajantes em ergástulos (dormitórios de escravos). No caminho, era preciso cuidado também com os cães dos sítios, animais selvagens e enormes, habituados a se alimentar de carcaças abandonadas nos campos, e ensinados a morder os viajantes que passassem pela estrada. No inverno, havia alcatéias de lobos que obrigavam os viajantes a andar ainda mais preocupados. Destes perigos, o apóstolo Paulo nos deixou uma impressionante lista na passagem que enumera os sinais do verdadeiro missionário (2Cor 11,22-27). Eis o seu testemunho:

> *Eles são ministros de Cristo? Falo como louco: eu o sou muito mais. Muito mais pelas fadigas, muito mais pelas prisões; infinitamente mais pelos açoites; freqüentemente em perigo de morte... passei um dia e uma noite em alto-mar. Fiz muitas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões... perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar... mais ainda: morto de cansaço, muitas noites sem dormir, fome e sede, muitos jejuns, com frio e sem agasalho.*

Como percebemos, os títulos que Paulo apresenta de si próprio, acima de qualquer outra coisa que possa dar prestígio pessoal, são as lutas, sofrimentos, preocupações e perseguições que teve de enfrentar ao pôr os pés na estrada, no incansável trabalho de evangelização.

Pela tenacidade apostólica de Paulo, pode-se ter uma idéia do esforço empreendido pelos primeiros cristãos, responsáveis pela expansão do cristianismo no vasto Império Romano. Nesse sentido, é interessante lançar um olhar sobre a extensa região alcançada pelo movimento evangelizador, em províncias romanas como a Galácia, Ásia, Macedônia e Acaia. Lancemos também um olhar sobre a capital do Império, Roma, em cujo local foi fundada uma comunidade cristã.

A província romana da Galácia

O nome *Galácia* é usado para designar o planalto da Anatólia Central entre o Ponto, a Bitínia e a Licaônia. O nome deriva dos gauleses, celtas, guerreiros que invadiram a Macedônia, Grécia e Ásia Menor em 279 aC e anos seguintes; finalmente eles se estabeleceram na Anatólia, onde formaram um reino. Em 64 aC a Galácia tornou-se um estado dependente de Roma, e nos anos seguintes o território do reino foi ampliado pelas regiões vizinhas. A partir do ano 25 ou 24 aC, com a morte do último rei Amyntas numa batalha contra os romanos, o nome Galácia passou a designar a província romana que incluía o estado da Galácia e as regiões da Pisídia, Panfília e parte da Licaônia. A vila principal da Galácia foi construída pelos romanos, tornando-se a capital da região, com o nome de Ancyra (atual Ankara, capital da Turquia). A Galácia, portanto, era uma região administrativa romana, mas por gálatas entendia-se estritamente os moradores do antigo estado da Galácia (vilas e arredores).

A região foi alcançada por Paulo em sua segunda viagem (At 16,6), entre os anos 49-52, e novamente em sua terceira viagem (At 18,23), entre os anos 53-58. Há duas teorias sobre os destinatários a quem a carta teria sido escrita. A primeira sustenta que a carta aos Gálatas é dirigida às comunidades da Pisídia, Derbe, Listra e Icônia. Recentemente, comentaristas inclinam-se para a teoria de que a carta é dirigida aos próprios gálatas do antigo estado da Galácia, baseados em At 16,6 e 18,23. Paulo evangelizou-os enquanto se curava de uma doença que o acometera (4,13-15). Voltou à região mais tarde para visitar os discípulos (At 18,23).

A província romana da Ásia

A província romana da *Ásia*, com um território um pouco maior do que a Inglaterra, possuía antigas e célebres cidades gregas. Paulo atuou em prósperos centros comerciais, como Colossas, Laodicéia, Hierápolis e Éfeso, a capital, onde demorou dois anos e três meses.

Colossas, cidade da Frígia, na Ásia Menor, estava situada em duas colinas, na margem esquerda do rio. Pouco se sabe de sua história. Heródoto diz que ela era uma grande cidade na época de Xerxes, mas na época do Novo Testamento parece que já entrara em decadência, beneficiando Hierápolis e Laodicéia. A exemplo dessas duas cidades, Colossas era um centro das indústrias da lã e das tinturas. As origens da Igreja de Colossas são obscuras; ela não foi fundada por Paulo, devendo sua fundação ser atribuída provavelmente a Epafras (Cl 1,7), que era justamente natural de Colossas

(Cl 4,12). A carta aos Colossenses foi escrita em virtude de uma dificuldade doutrinal: a Igreja de Colossas estava sob a influência de certos erros, não esclarecidos em detalhes; contudo, é evidente que se originavam de uma forma de sincretismo gnóstico, conjunto de elementos pagãos e hebraicos, talvez surgido entre os hebreus e depois aceito por alguns cristãos. O núcleo desse erro era constituído pela fé nos "principados" e "potestades/autoridades" (2,15), seres intermediários entre Deus e os homens, que se pensava terem certo poder sobre os homens. A esses poderes cósmicos atribuía-se um culto, com características derivadas dos cultos místéricos, próprios do paganismo. Tal erro representava uma rejeição implícita do papel do Cristo como único redentor e mediador.

Laodicéia era uma cidade da Frígia, na Ásia Menor, sede primitiva de uma comunidade cristã. Paulo teria escrito uma carta a Laodicéia, a qual não chegou ao nosso conhecimento porque não teria sido conservada (Cl 4,16). Laodicéia é mencionada como uma das sete igrejas do Apocalipse (Ap 1,11): foi duramente repreendida por não ser nem fria, nem quente (Ap 3,14-22).

Hierápolis era uma cidade da Ásia Menor, no vale do Lico. Ali existiu uma das mais antigas comunidades cristãs (Cl 4,13). A cidade foi dominada pelos selêucidas, pergameus e, após 133 aC, pelos romanos. Era famosa por suas fontes de água quente, medicinais. O sítio possui ruínas de dois teatros romanos e dos banhos, e foi o lugar de origem do filósofo Epicteto e do antigo escritor cristão Pápias (cerca de 130 dC).

Éfeso, cidade situada na foz do rio Caistro, na Ásia Menor ocidental. A cidade já existia por volta do ano 1100 aC; passou para o controle dos romanos em 133 aC, tornando-se capital da província da Ásia. Era uma cidade rica, sendo o principal porto e centro comercial da Ásia. Na época do Novo Testamento devia contar pelo menos com 250 mil habitantes. O templo (com cerca de 50 m de largura e cerca de 80 m de comprimento, apresentando cem colunas com mais de 25 m de altura) era uma das sete maravilhas do mundo antigo. Entre os outros prédios, estavam o ginásio; o estádio ou campo de corrida; o grande teatro (local das assembléias mencionadas em At 19), com 24 mil lugares sentados, um dos maiores teatros romanos encontrados pela arqueologia; o mercado; a biblioteca de Celso. O porto e o teatro estavam ligados pela via Aracádia, uma maravilhosa rua com pórticos que tinha cerca de 600 m de comprimento. Paulo pregou em Éfeso pela primeira vez durante a sua segunda viagem missionária, quando ia de Corinto para Jerusalém. Éfeso é uma das sete igrejas da Ásia, às quais se dirige a parte inicial de Ap (2,1s). Nesta carta, a Igreja de Éfeso é louvada por sua ortodoxia e por sua perseverança na fé, mas é censurada porque sua caridade deixou de ter o fervor primitivo.

A província romana da Macedônia

A Macedônia é uma região ao norte da Grécia. No período clássico, os gregos consideravam os povos da região como "bárbaros". Nos tempos do Novo Testamento, tornou-se uma das províncias romanas. Paulo fundou duas igrejas na região: na cidade de Tessalônica e na cidade de Filipos.

Tessalônica, nos tempos do Novo Testamento, era a capital da província e o segundo maior centro comercial da Grécia. A cidade foi fundada em 315 aC e até hoje existe com o nome de Salônica. Lá encontramos ainda alguns restos de arcos da era romana tardia. Está situada no golfo Termaico. Possuía e ainda possui um bom porto. Perto dela passava a Via Egnatia, a estrada romana que liga a Itália com Bizâncio. A cidade foi visitada por Paulo na sua segunda viagem missionária (At 17,1-15); sua afeição pela igreja que ali fundou aparece na primeira e segunda cartas aos tessalonicenses.

Filipos já no ano 360 aC era conhecida por sua importância na região. A população era formada, em sua maioria, por macedônios. Sob a dominação romana, imperava o culto a César. Aqueles que se opusessem eram imediatamente perseguidos e forçados a sair. Depois da batalha de Actium, por volta do ano 31 aC, a cidade torna-se uma colônia romana, chamada Colônia Julia Philippensis. Situada à margem da grande rota romana para a Ásia Menor (Via Egnatia), tornou-se a cidade preferida de veteranos do exército. Centro agrícola mais do que comercial, Filipos não era grande, pois os colonos viviam em aldeias, nas planícies e nos vales. Seria Filipos a única cidade que foge à regra geral paulina de procurar sempre grandes centros comerciais (e eventualmente portuários), onde a notícia evangélica se espalhava mais rápido. Contudo, talvez por situar-se à margem da Via Egnatia, Filipos torna-se a primeira colônia européia a receber o Evangelho. Paulo pregou o evangelho em Filipos entre os anos 49 e 52, durante sua segunda viagem.

A província romana da Acaia

Acaia é o antigo nome de uma região situada ao sul do golfo de Corinto. Depois da derrota da Liga Acadiana em 146 aC, os romanos colocaram o distrito sob o governo provincial da Macedônia. Em 27 aC, a Acaia foi separada da Macedônia para constituir uma província, abrangendo a Grécia continental, e incluindo também as cidades de Atenas e Corinto.

Corinto era o maior centro comercial grego, cidade possuidora de dois portos extremamente movimentados. Saqueada e destruída pelos romanos em 146 aC, a cidade foi reconstruída por César, que em 44 aC fundou ali a Colônia Romana: *Laus Julia Corinthus*. A cidade se expande rapidamente e cedo atinge uma população de cerca de 600 mil habitantes, destes 200 mil livres e 400 mil escravos. Era a quarta cidade do Império em população. No ano 27 aC, Corinto é a capital da Província romana da Acaia, com um procônsul de Roma no governo. Durante a segunda viagem, Paulo morou um ano e meio em Corinto (At 18,11). Ali fundou promissora comunidade, composta em grande parte de gregos (1Cor 1,26-29; 8,7; 10,14.20), bem como de alguns judeus (1Cor 1,22-24; 10,32; cf. At 18,8) e, em menor número, de todas as proveniências, por ser um "corredor" entre o Oriente e o Ocidente. Mais tarde voltou ainda à cidade para resolver problemas surgidos na comunidade; os conflitos mais acirrados aconteceram entre gregos e judeus (1Cor 12,13), mas não deixaram de existir conflitos entre escravos e livres (1Cor 7,21-23); entre homens e mulheres (1Cor 7); entre proprietários e não-proprietários (1Cor 11,12). Aos coríntios, ele escreveu quatro cartas, duas, porém, hoje perdidas.

Roma, como capital do Império, chegou a ter cerca de um milhão de habitantes, no final do século I. Acolhia diversos grupos de minorias étnicas vindas do Oriente. A maioria dessa população era constituída de pequenos artesãos, comerciantes, plebeus (homens livres, mas empobrecidos), além de escravos trazidos, em sua grande maioria, das colônias conquistadas, chegando a alcançar em dado momento cerca de 400 mil.

Entre estes grupos étnicos, distinguia-se uma colônia judaica, com um número aproximado de 50.000 pessoas. É desse grupo que provém a primeira comunidade cristã de Roma, formada por alguns judeus e pagãos helenistas, na maioria (Rm 15,7-9). A fundação da igreja em Roma teria começado com judeus que estiveram em Jerusalém, por ocasião de Pentecostes e, assumindo a nova religião, ao chegarem em Roma, fundam a nova comunidade (cf. Rm 1,5-13). Os apóstolos, conforme W. Harrington, seriam, neste caso, fundadores indiretos desta comunidade. A presença de Pedro em Roma não é atestada nem nos Atos, nem na Carta aos Romanos. Segundo Isidoro Mazzarollo (em *A bíblia em suas mãos*, p. 167), as referências procedem de 1 Clem 5,1-61, no final do séc. I dC, e de Inácio de Antioquia no séc. II dC.

Para lá, além de afluir gente de todo o mundo, escoavam todas as riquezas dos territórios dominados pelo Império Romano (produtos naturais, agrícolas, manufaturados, escravos e tributos), como vimos anteriormente.

3.2. Características das comunidades cristãs nas cidades do Império

A fundação de comunidades cristãs em diversas cidades das Províncias, bem como na capital do Império, pode ser interpretada não só como testemunho da ousadia e destemor das primeiras pessoas encarregadas da evangelização, mas sobretudo como um exemplo a ser seguido pela evangelização ao longo da história.

A evangelização dos primeiros cristãos não consiste em impor valores de uma cultura sobre a outra mas, como diríamos hoje, trata-se de uma "evangelização inculturada", aquela que parte do diálogo com a cultura local dos aglomerados humanos, visando promover a vida com dignidade, nos seus diversos aspectos: familiar, eclesial e social, além do compromisso com a *polis*, cidade (inserção na política local, que chamaríamos hoje de "cidadania"). Tal evangelização era feita segundo o Espírito que animava Jesus, isto é, à luz da Palavra de Deus pregada e vivida por Jesus, Palavra que se faz Vida ao promover a dignidade da vida humana em todos os seus aspectos. É nessa perspectiva que Pedro diz ao paralítico de nascença que pedia esmola à porta do Templo (At 3,6-9): "Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto te dou: Em nome de Jesus Cristo Nazareno, anda! E, tomando-o pela mão direita, ergueu-o. No mesmo instante os pés e os calcanhares se lhe consolidaram; de um salto ficou de pé e começou a andar. Entrou com eles no Templo, andando, saltando e louvando a Deus". Nessa passagem, Pedro personifica a prática da Igreja, através da qual o Espírito de Jesus (o Espírito Santo de Deus) continua vivo e atuante. O aleijado encarna a situação de sucessivas gerações empobrecidas e marginalizadas dentro do Império Romano que, destituídas de dignidade, dependem da esmola para sobreviver. O ouro e prata simbolizam a riqueza acumulada pelas elites do Império; tal riqueza centralizada produz sempre novas formas de submissão, obrigando milhares de pessoas a sobreviverem das sobras. Só o nome de Jesus é capaz de libertar o povo, fazendo-o levantar-se e caminhar com os próprios pés. Esse é o maior louvor que se pode prestar ao Deus da Vida, além de ser forma de evangelizar por excelência.

No início, como vimos acima, é provável que a evangelização tenha sido levada primeiro às comunidades judaicas espalhadas pelo Império Romano. Mas logo começaram a falar de Jesus também em ambientes não judaicos, aos "gregos".

Paulo e companheiros começavam sua pregação em *casas de famílias*, como – por exemplo – na casa de Áquila e Priscila, onde a igreja se reúne (1Cor 16,15-19; Rm 16,5.23), e na casa de Filêmon (Fm 2).

É importante ressaltar que a família não designava apenas os parentes próximos ou mesmo os distantes; compreendia ainda os dependentes, os escravos, os trabalhadores e os amigos. Além disso, a densidade populacional das cidades da época era bem maior do que as de nossas cidades atuais. A cidade antiga chegava a ter uma aglomeração de cerca de 200 habitantes por acre (4.047 metros quadrados), densidade existente hoje apenas em grandes centros urbanos; as casas eram, em geral, todas de meia-parede. Acrescente-se a isso que as várias etnias costumavam morar agrupadas nos mesmos bairros, facilitando os contatos com os recém-chegados. Logo, sob tais condições, é de se supor que as notícias corriam muito rápidas a partir das casas, onde a privacidade não era muito grande.

Os contatos de comércio e trabalho teriam sido naturalmente tratados nesse ambiente familiar. Consta que Paulo vivesse de seu próprio trabalho, como artesão, fabricante de tendas que era (1Cor 4,12; 2Ts 3,7-9; At 18,3). De fato, parece que Paulo considerou fundamental a inserção do missionário no mundo do trabalho, por um lado; e, por outro lado, parece que recusou uma pastoral de massa, preferindo a criação de uma rede de pequenas comunidades que disseminavam a solidariedade evangélica através das cidades do Império.

Enquanto os povoados eram conservadores no sentido de manterem sua antiga identidade, as cidades falavam o grego e caminhavam na direção de uma cultura comum greco-romana. Era na cidade que ocorriam as mudanças, era ali que estava o "novo" e se acolhiam as novidades. Observando essas comunidades, qual é o nível social dos cristãos paulinos?

O típico cristão paulino seria o artesão livre e o pequeno comerciante. Muitos deles têm casas, até alguns escravos, profissões definidas e outros sinais de uma vida com certa estabilidade social. Os mais ricos dentre eles – mas havia também escravos nas comunidades paulinas – providenciavam moradia, locais de encontro e outros serviços para os grupos cristãos. Os membros mais autênticos do círculo paulino, incluindo Paulo, são pessoas de grande mobilidade social, sendo o seu *status* conseguido maior do que o seu *status* herdado. Em outras palavras, pessoas mais disponíveis, mais abertas às mudanças, mais receptivas às novidades. Isso se justifica porque as guerras

sociais que antecederam a instalação do Império, e mesmo a estrutura imperial, teriam criado nas camadas médias da população uma profunda descrença nas instituições e um desejo de novidades que oferecessem outras esperanças e melhores alternativas; nesse meio, a receptividade às novidades religiosas tornou-se muito grande, o que, até certo ponto, explica o sucesso de Paulo.

Para participar das comunidades cristãs, não era necessário ao gentio seguir prática judaica alguma. Era preciso "praticar a justiça", segundo o modelo profético, chegando a Deus através do próximo. "Pois toda a Lei está contida numa só palavra: Amarás a teu próximo como a ti mesmo" (Gl 5,14). É a experiência dos cristãos, lida a partir da fé em Jesus Cristo, que deve ser colocada como elemento fundante das motivações e ações cristãs. É a prática da *ágape*, a prática do amor-solidariedade nas práticas da realidade cotidiana, nas práticas políticas e sociais, que devem ser levadas em conta. É um sistema dinâmico da fé, aberto às possibilidades da experiência de amor efetivo e eficaz ao próximo.

A presença e a participação da mulher são fundamentais nessa igreja que se reúne nas casas. Segundo Carlos Mesters (*Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o evangelho*), nas recomendações finais da carta aos Romanos transparece algo do lugar que as mulheres ocupavam na vida de Paulo e das comunidades por ele fundadas. Vejamos:

> "*Recomendo a vocês* Febe, *nossa irmã, diaconisa da comunidade de Cencréia. Ela tem ajudado muita gente e a mim também*" (Rm 16,1.2). É provável que Febe tenha sido portadora da carta de Paulo aos romanos.
>
> "*Lembranças para* Priscila *e Áquila, meus colaboradores em Jesus Cristo, que arriscaram a própria cabeça para salvar minha vida*" (Rm 16,3). Paulo agradece aos dois em nome próprio e em nome de todas as comunidades do mundo pagão (Rm 16,4). Era na casa desse casal que a comunidade se reunia (Rm 16,5).
>
> "*Lembranças para* Maria, *que trabalhou muito por vocês*" (Rm 16,6).
>
> "*Lembranças para Andrônico e* Júnia, *meus parentes e companheiros de prisão,* apóstolos *importantes*" (Rm 16,7). Alguns manuscritos antigos transformaram Júni*a* em Júni*o*, talvez porque achassem estranho uma mulher receber de Paulo o título de apóstolo.
>
> "*Lembranças para* Trifena *e* Trifosa" e para a "*querida* Pérsida": das três ele diz que se afadigaram muito no Senhor (Rm 15,12).
>
> "*Lembranças para Rufo e* sua mãe *que é minha também*" (Rm 16,13).
>
> "*Lembranças para Filólogo e* Júlia, *para Nereu e* sua irmã *e para* Olimpas" (Rm 16,15). A comunidade parece reunir-se na casa deles, pois Paulo acrescenta: "*e para todos os santos que estão com eles*" (Rm 16,15).

Como percebemos, Paulo fala de mulheres que são *Diaconisa*, *colaboradora em Jesus Cristo* ou *Apóstola*. Trata-se de títulos e funções importantes na vida e na organização das comunidades! Ele as trata com muito carinho e as chama de irmã, de mãe e de companheira de prisão. Dentro da cultura daquela época, a mulher não podia participar da vida pública. Seu lugar era no recinto interior da casa, na vida da família. E lá,

de fato, ela coordenava, era a dona da casa. Assim, na Igreja, ela só poderia ter lugar e participação se a Igreja funcionasse no interior das casas.

Conclusão

A partir do que foi exposto sobre o Texto e o Contexto dos Atos dos Apóstolos, fica para o leitor tirar as suas conclusões sobre as implicações práticas para a evangelização contextualizada em nossas comunidades hoje.

Lucas, autor do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, cuja obra deveria chamar-se com mais propriedade "Atos de Jesus e do seu discipulado", é o único dentro do Novo Testamento que se preocupa em ligar a vida histórica de Jesus, sua paixão e sua morte, com a história dos primeiros anos da Igreja. Isso significa que a boa-nova ou evangelho se refere não só ao que Jesus realizou, mas também ao que foi realizado por meio das pessoas que formaram as primeiras comunidades cristãs, impulsionadas pelo Espírito Santo de Deus, o mesmo Espírito que animou Jesus.

O mais característico da eclesiologia de Lucas é, portanto, a importância que dá à missão evangelizadora dos discípulos e discípulas de Jesus que, pela força do Espírito Santo de Deus, foram capazes de sair do isolamento e da covardia para "dar testemunho corajoso da ressurreição do Senhor Jesus" (At 2,14s; 4,33), sobretudo nas cidades de cultura greco-romana. É esse mesmo Espírito de Jesus que dirige a missão de Pedro e de Paulo, sobretudo nos momentos de maior dificuldade (At 10,38.44-47; 11,12-15; 13,2-4; 16,6-7; 17,21).

As comunidades fundadas por Paulo são igrejas domésticas, nas quais os cristãos e cristãs se reúnem: na casa do casal migrante PRISCILA e Áquila, tanto em Roma (Rm 16,5), como em Corinto (1Cor 16,19); na casa de Filêmon e ÁPIA (Fm 2); na casa de LÍDIA em Filipos (At 16,15); na casa de NINFA em Laodicéia, que chegou a receber uma carta de Paulo, que não foi conservada (Cl 4,15); na casa de Filólogo e JÚLIA, Nereu e SUA IRMÃ e de OLIMPAS (Rm 16,15).

Através das igrejas domésticas, Paulo abriu espaço para as mulheres poderem exercer a função de coordenadora nas comunidades. Isso é novidade, pois naquele tempo os judeus não permitiam que se criassem comunidades ou sinagogas só de mulheres. Exigiam que, no mínimo, houvesse dez (10) homens para que se pudesse formar uma comunidade. Por esse motivo não havia sinagoga em Filipos, pois lá havia só um grupo de mulheres; elas se reuniam fora da cidade para rezar (At 16,13). Paulo teve a coragem de transgredir o costume do seu próprio povo, e permitiu que o grupo de mulheres de Filipos formasse uma comunidade (At 16,13-15). Paulo percebia a importância das mulheres na missão evangelizadora das comunidades. Por isso as promovia e abria espaço para elas mais do que qualquer outra pessoa da época. Mas ele não percebia o problema da libertação da mulher enquanto mulher. Nem era possível percebê-lo. Paulo pagou tributo à cultura do seu tempo.

Nesse contexto das casas, no ambiente das cidades, a prática do amor-ágape (fruto do Espírito de Deus, cf. Gl 5,22) levará a pessoa de fé cristã a se afastar de várias práticas

gentias, tais como as elencadas em Gl 5,19-21: fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdias, divisões, invejas, bebedeiras, orgias, e coisas semelhantes a estas (cf. Rm 1,28-32 ou 1Cor 6,9-11).

O pluralismo, o dinamismo e a liberdade, vividos nas cidades greco-romanas, em vez de serem concebidos como obstáculos intransponíveis à fé, são tomados como desafios a serem enfrentados e até recuperados no seu aspecto positivo, por meio da prática do amor-solidariedade. Tornam-se, assim, características essenciais da fé paulina e, por conseguinte, da comunidade cristã. É possível que aí resida uma pista para a atividade pastoral urbana, que enfrenta os desafios de ser Igreja hoje.

Bibliografia

Barbaglio, Giuseppe. *As cartas de Paulo* – v. I. São Paulo: Loyola, 1989.

—. *As cartas de Paulo* – v. II. São Paulo: Loyola, 1991.

Cebi – Centro de Estudos Bíblicos. *Comentário aos Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1983.

Cnbb – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Olhando para a frente: o projeto "Ser Igreja no Novo Milênio" explicado às comunidades*. Brasília: CNBB, 2000.

—. *Que novidade é essa? Uma leitura dos Atos dos Apóstolos.* Brasília: CNBB, 2000.

Comby, Jean; Lémonon, Jean-Pierre. *Vida e religiões no Império Romano: no tempo das primeiras comunidades cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1988.

Cothenet, Edouard. *São Paulo e o seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1985.

Drane, John. *A vida da Igreja primitiva: um documento ilustrado*. São Paulo: Paulinas, 1985.

—. *Paulo: um documento ilustrado sobre a vida e os escritos de uma figura-chave dos primórdios do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1982.

Diversos Autores. *Evangelhos sinóticos e Atos dos apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1996.

—. *Atos dos apóstolos: ontem e hoje*. In: Revista Estudos Bíblicos, n. 3. Petrópolis: Vozes, 1985.

—. *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. São Paulo: 1976.

—. "Paulo de Tarso: militante da fé". In: *Ribla – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 20. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1995.

Drane, John. *A vida da Igreja primitiva: um documentário ilustrado*. São Paulo: Paulinas, 1985.

Fabris, Rinaldo. *As cartas de Paulo* – v. III. São Paulo: Loyola, 1992.

—. *Atos dos apóstolos.* São Paulo: Paulinas, 1984.

Lohse, Eduard. *Contexto e ambiente do Novo Testamento.* São Paulo: Paulinas, 2000.

Mazzarollo, Isidoro. *A bíblia em suas mãos*. Porto Alegre: EST, 1995.

—. *Paulo de Tarso: tópicos de antropologia bíblica*. Porto Alegre: Est Edições, 1997.

Mackenzie, John. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984.

Mesters, Carlos. *Paulo: um trabalhador que anuncia o evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1991.

Mosconi, Luís. *Atos dos apóstolos: como ser igreja no início do terceiro milênio?* São Paulo: Paulinas, 2001.

Ruiz, José María González. *O evangelho de Paulo.* Petrópolis: Vozes, 1999.

Theissen, Gerd. *Sociologia do movimento de Jesus*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1989.

Saoût, Yves. *Atos dos apóstolos.* São Paulo: Paulinas, 1991.

Saravia, Javier. *O caminho da Igreja segundo os Atos.* São Paulo: Paulinas, 1990.

Silva, Airton José. *Do campo para a cidade: o evangelho de Paulo*. In: Vida Pastoral, Maio-Junho de 1990. São Paulo: Paulinas.

Velasco, Rufino. *A igreja de Jesus: processo histórico da consciência eclesial.* Petrópolis: Vozes, 1995.

João Luiz Correia Júnior
Rua João Fernandes Vieira, 600, apt. 1402, Bloco A
Boa Vista
50050-903 Recife, PE
Telefones: 3221.8846 / 9962.2814.
jota@unicap.br / joaoluizcorreia@uol.com.br